

26 NOV 1988

JORNAL DE BRASÍLIA

Ação de execução

Ignácio de Aragão

Chamados pelo Governo Federal, através do meirinho Mailson da Nóbrega, para pagar, dizer porque não pagam ou nomear bens à penhora, tal como o fisco costuma fazer com os seus contribuintes, os governadores viraram a mesa. O sr. Quércia, antes aparentemente tão bem comedido, a ponto de ter sido considerado presidencial dos mais acreditados, segurou-se na poltrona, como se não fosse invisível o impedisse de levantar-se, e gritou a plenos pulmões, no recinto da reunião com Ulysses: "Eu preciso me conter". Só foi contido pela calma e ponderação do governador Santillo, de Goiás. Foi um espetáculo deprimente, porque era falso. Ninguém o queria conter, muito pelo contrário. Os fraquinhos, dos Estados pobres, estavam doidos para que o governador de São Paulo explodisse numa outra epopéia de 32; e ele se chamasse Pedro de Toledo ou Armando de Salles.

O episódio mostra como este País é desigual. Que não é contínuo, nem no seu povo,

nem nas suas dificuldades. Enquanto se come caviar nas noites paulistas, o prato mais saboroso, nas capitais do sententrião, é uma suculenta carne-seca. Diferença de cultura? Não. A diferença é mesmo de dinheiro.

Entretanto, a contabilidade do ministro Mailson revelou-nos, para espanto geral, que 85% da dívida externa dos Estados, bancada, avalizada e arcada pelo Tesouro Nacional, são de responsabilidade de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em miúdos, isto quer dizer que o Tesouro, que arrecada as tripas e o coração de todos os brasileiros, de norte a sul, do Oiapoque ao Chuy, do Cabo Branco à terra dos ianomamis, está cobrindo os custos do desenvolvimento acelerado daqueles quatro Estados com o dinheiro da caixa geral. Os ricos apoderaram-se do cofre. Quando os ministros da Fazenda vinham da avenida Paulista e despachavam, normalmente, de seu macio gabi-

nete do prédio do Banco do Brasil, na Av. São João, em São Paulo, ninguém ousava lembrar o fato de que os mais ricos eram os mais devedores e que os mais pobres estavam financiando a riqueza deles. O segredo só chegou às ruas, agora, porque o Sr. Mailson da Nóbrega não tem compromisso com o "establishment".

Apertados na execução, os governadores de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro vingam-se com a exigência de rompimento do PMDB com o presidente Sarney. Velha farsa. A mesma ameaça já foi feita, por eles, muitas vezes, sob a forma de apoios condicionados, para extrair as imensas verbas federais, no passado. E nem assim ganharam eleições nas suas capitais. Quanto mais dinheiro se lhes der, mais perderão para o PT e o PDT, porque nem souberam governar para o povo nem escolher candidatos palatáveis para o povo. Assim, prossiga-se na cobrança, penhorando-se o que for encontrado, de portas a dentro.